

23 JAN 1991
Marcio Moreira Alves *

*Double, double, toil and trouble
Fire burn and cauldron bubble
(Feiticeiras de Macbeth)*

Só se prova o pudim comendo-o, dizem os ingleses com um óbvio ululante, mas muito necessário. Ou seja, a receita do pudim pode ser a melhor do mundo, mas só quando passa da teoria para a prática do fogão, da calda e da consistência da massa, é que ela pode ser definitivamente consagrada ou rejeitada.

Cresce, entre os formuladores de opinião econômica, empresários e trabalhadores, e entre os formuladores de opinião política, políticos e analistas, a impressão de que o Plano Collor já fracassou. Ao se olhar para o ano de 1990, verifica-se que a equipe econômica reunira todas as condições para ter sucesso. Aplicara de saída o *ippon* na poupança. Ao longo do ano arrochou o salário dos servidores públicos e não fez qualquer obra de vulto em parte alguma, do Oiapoque ao Chui. Não se pagou um centavo do serviço da dívida externa e reduziram-se os encargos com a dívida interna. Os fornecedores do governo tiveram as suas contas adiadas em um volume que dizem ser de cerca de 10 bilhões de dólares. Pela primeira vez em muitos anos, o Tesouro pôde apresentar um superávit anual ao fechar as suas contas em dezembro. Há a

sensação de ser esta uma vitória frágil e que pode se transformar em derrota ao primeiro empurrão. Mas é, sem dúvida, uma vitória. Paralelamente, foram lançados programas de modernização da indústria, que recolheram um aplauso quase unânime. Deram-se passos importantes para a privatização de 27 empresas estatais que, caso realmente mudem de mãos, fornecerão alguns bilhões de dólares à redução das dívidas do governo. A abertura das importações não afetou substancialmente o saldo da balança comercial, que terminou por ser de 10,5 bilhões de dólares, dinheiro grande em qualquer parte do mundo.

Em resumo, a ação da equipe econômica desenhou um aparelho voador que é o contrário do besouro. Dizem os especialistas que, se as leis da aerodinâmica estiverem certas, um bicho mal desenhado como o besouro não pode voar. No entanto, voa. Segundo a teoria, o plano antiinflação não poderia deixar de dar certo. No entanto, não deu.

Ser economista é, no Brasil, uma profissão divina. Tem tudo a ver com a dos sacerdotes dos templos de Apolo que liam o futuro nas entranhas dos pássaros. Caso as suas previsões não dessem certo, a culpa era do animal sacrificado. Aqui é igualzinho: a culpa é sempre da vítima, ou seja, da sociedade. Eles, os oráculos, estão sempre cobertos de razão. A divindade da profissão ga-

A prova do pudim

rante-lhes também a impunidade diante dos erros. O cirurgião que esquece uma compressa na barriga do operado pode perder o direito de exercer a profissão. Um engenheiro que calcula mal um viaduto tem de responder a processo penal se por acaso ele desabar. Com os economistas nada disso acontece. Há quase 30 anos eles se alternam nos ministérios econômicos. E o que foi que aconteceu? Acumulamos a maior dívida externa do mundo, construímos uma sociedade com desigualdades gigantescas, marginalizamos 70% da população e andamos à beira da hiperinflação. Os ex-ministros, cercados pelo respeito das elites, têm ricos escritórios de consultoria, participam dos conselhos de administração de grandes empresas nacionais e estrangeiras e são a toda hora chamados a dar opinião sobre as trapalhadas que os seus sucessores cometem. Todo mundo acha isso muito natural. Anote-se, por via das dúvidas, o diagnóstico que vem sendo mais e mais repetido pela profissão: a falha está em não controlar os juros, que são atualmente os mais altos, em termos reais, de todo o mundo. Justificam dizendo que nos países industrializados, onde as empresas são capitalizadas e os juros módicos, uma alta de 1 a 2% da taxa de juros tem o efeito de inibir os investimentos. E as grandes empresas se capitalizam através das bolsas de valores, não dos bancos. No Brasil, os juros altos não apenas seguram os investi-

mentos, como são uma parte dos custos das empresas, por vezes a mais alta, que é, como todo custo, repassada para os preços das mercadorias. Os juros funcionam, portanto, como um acelerador da inflação. Esse argumento, embora soe carregado de bom senso, não confere com as lições de inflação que se ensinam nas faculdades de economia dos Estados Unidos. Especialmente em Nashville, Tennessee. Daí não ser acolhido pelo Dr. Ibrahim Eris, até o momento líder intelectual da equipe.

Miguel Arraes, capador de bode da Serra do Araripe, fala com a sabedoria centenária dos que sobrevivem no Sertão: "Não sei se as contas dos economistas são certas ou erradas. O que sei é que a vida do povo tem piorado muito. E, se a economia só serve para piorar a vida do povo, a economia está errada." Esse julgamento espalha-se, como uma mancha de óleo sobre a água, pelo conjunto dos governantes e parlamentares.

A descrença dos políticos e dos agentes econômicos tem, também, componentes psicológicos. Há cansaço com o *marketing* permanente do presidente Collor, com as camisetas e os desfiles na rampa do Planalto. Há críticas quanto ao desastrado *reveillon* de Angra dos Reis e o conúbio das autoridades com os donos de cartéis e com especuladores. Parece que a equipe econômica não foi informada da possibilidade de alugar quartos de hotel. E como é deslumbra-

própria imagem, deixou-se pilhar na armadilha. Coisas de Terceiro Mundo...

Menos mal que os seus membros começam a reconhecer o valor da política e a necessidade de terem uma base social mais sólida. Antonio Kandir, talvez a melhor cabeça analítica do grupo, compareceu com entrevistas aos jornais do fim de semana dizendo uma coisa errada e outra certa. A errada: que o fracasso da contenção inflacionária do último trimestre se deve à crise do Golfo. Nem criança de jardim de infância acreditaria nesse bode expiatório. A certa: que a luta contra a inflação terá de passar, daqui para a frente, pelo entendimento político. Ou seja: por negociações com os partidos e as suas bancadas no Congresso e com os governadores eleitos. Na medida em que há um consenso sobre a importância de controlar-se a inflação como pré-requisito para o relançamento da economia, esse entendimento é possível. Os eleitos não são irresponsáveis, como muitos tecnocratas alegam. Ao contrário: conhecem o peso do voto e têm compromissos com a população mais profundos que os de funcionários nomeados. Mas tem uma coisa: vão querer uma receita de pudim que seja comível na prática, não apenas perfeita na teoria. Se a receita não aparecer, o caldeirão das feiticeiras pode ferver mais do que desejariamos.